

A “NOÇÃO DE FÓRMULA” DE KRIEG-PLANQUE SOB A ORDEM DO DISCURSO DE FOUCAULT

Alex Pereira de Araújoⁱ

Resumo: Este artigo empreende uma discussão acerca da noção de fórmula discursiva nos trabalhos de Krieg-Planque e de um possível diálogo com o trabalho desenvolvido por Foucault, sobretudo, a partir do modo como o filósofo percebe o discurso, uma vez que ambos pertencem a uma tradição epistemológica francesa. Dessa forma, vamos adentrar pelo percurso de lapidação da noção de fórmula, tomando, para isso, a entrevista que Krieg-Planque concedeu a Philippe Schepens do *Laboratoire de Sémio-linguistique, didatique e informatique* (LASELDI) e do livro *A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*, trabalhos que representam para nós brasileiros uma espécie de introdução à discussão sobre a noção de fórmula proposta por Krieg-Planque no campo da Escola Francesa de Análise do Discurso (AD). Nessa discussão, vamos perceber que toda fórmula discursiva traz consigo uma densidade histórica apoiada em pré-construídos que estão voltados para as novas construções, tal qual propunha Foucault acerca das práticas e das materialidades discursivas em sua arqueologia do saber e em sua genealogia do poder.

Palavras-chave: Discurso. Fórmula Discursiva. Lugares Discursivos. Ordem do Discurso.

Abstract: This article wages a discussion about the notion of discursive formula in the work of Krieg-Planque and a possible dialogue with the work of Foucault, especially from the way the philosopher sees the discourse, since both belong to an epistemological French tradition. Thus, we enter the trajectory of the notion of formula based on the Krieg-Planque interview granted to Philippe Schepens the *Laboratoire de Sémio-linguistique, didatique e informatique* (LASELDI) and the book *The notion of formula discourse analysis: theoretical and methodological framework*, which represents for Brazilians a kind of introduction to the discussion of the notion of formula proposed by Krieg-Planque in the field of French School of discourse Analysis (DA). In this discussion, we will notice that all discursive formula brings a historical density that materialized in his movement based on pre-built that aim new constructions, just like the way Foucault proposed materiality of discourse in his archeology of knowledge and in his genealogy of power.

Keywords: Discourse. Discursive Formula. Places Discursive. Order of Discourse.

ⁱ Doutorando pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil. E-mail: alex.scac@hotmail.com.

Introdução

Este artigo apresenta uma discussão acerca da noção de fórmula discursiva tomada por Krieg-Planque, em suas análises, e de um possível diálogo com as noções de discurso e de prática discursiva que foram apresentadas por Foucault em suas pesquisas empreendidas ao longo de mais de vinte anos. Nesta discussão, buscamos evidenciar que há relações entre a noção de fórmula discursiva reelaborada por Krieg-Planque com o trabalho de Foucault por meio do caráter social e político que permeiam as noções e os conceitos operados por estes autores em suas análises.

Inicialmente, buscamos tratar do percurso epistemológico da noção de discurso ainda no Estruturalismo¹ em uma breve história para, em seguida, tratar do trabalho de Foucault e da inscrição de Krieg-Planque no campo da Escola Francesa de Análise do Discurso. Mas o objetivo principal desta discussão é mostrar como o trabalho de Foucault influenciou e continua influenciando os estudos realizados pela Análise do Discurso, ou seja, que a noção de fórmula discursiva é tributária das questões do discurso levantadas por Foucault.

Dessa forma, tomamos como ponto de partida a primeira metade do século XX, quando, sob a égide do Estruturalismo Francês “tudo se torna discurso” - assim explicava Jacques Derrida, em sua célebre conferência na Universidade de Johns Hopkins (Baltimore) ao falar sobre *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, ao público americano. Sem dúvida, “este momento foi aquele em que a linguagem invadiu a problemática universal” (DERRIDA, 1995, p. 232).

Nesta perspectiva, podemos dizer que, ao colocar o discurso como centro das suas discussões, o estruturalismo conseguiu penetrar nas Humanidades, ou seja, na antropologia, na crítica literária, na psicanálise, no marxismo, na história, na teoria estética e nos estudos da cultura popular, transformando-se em um poderoso e globalizante referencial teórico para a análise semiótica e linguística da sociedade, da economia e da cultura, vistas agora como sistemas de significação (Cf. PETERS, 2000).

Mas é apenas na segunda metade do século XX, com Michel Foucault, filósofo francês, que se conhece qual a *ordem do discurso*. Dessa forma,

¹ Não fazemos diferenciação entre Estruturalismo e Pós-Estruturalismo nessa discussão por conta do espaço.

Foucault se notabilizou e fez seu discurso² se notabilizar ao desenvolver uma *arqueologia do saber* num momento em que se buscava ora escapar da força da égide do estruturalismo francês, ora revisar métodos e teorias usados nas análises históricas, de até então. Foucault vai tomar o discurso como objeto em todas as suas análises.

Nesse seu projeto, apresentou-nos de forma contundente uma descrição empírica que se alternava com uma análise teórica. E o conceito (ou conceitos) de discurso produzido(s) por ele estava(m) a serviço de suas pesquisas de descrição empírica e das análises teóricas quando buscava desarmar a ordem dos discursos. Nessa perspectiva, todo discurso tem uma ordem que pode ser (des)armada (FOUCAULT, 1996); e, por que não pensarmos também nas fórmulas discursivas, isto é, nas questões que emergem do trabalho de Krieg-Planque (2003; 2010; 2011), como algo dentro dessa ordem que se pretende desarmar? Mas uma questão precede a esta enunciada, por que aparentemente parece que o discurso já está sob o nosso domínio e esquecemos de que sempre é preciso voltar à questão inicial: o que é mesmo o discurso?

A pergunta não é tão simples quanto parece. Se pudéssemos fazê-la a Michel Foucault, certamente ele nos apresentaria uma série de movimento acerca daquilo que ele fez com o discurso e daquilo que ele chamou de discurso. Mas podemos pensar no discurso a princípio como uma produção “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

É a partir dessa noção de discurso que Foucault apresenta em sua aula inaugural no *Collège de France* qual a ordem do discurso³ e, ao mesmo tempo,

2 Em *Arqueologia do saber*, Foucault afirmou que pouco a pouco teria multiplicado os sentidos de discurso: ora no domínio geral de todos os enunciados, ora grupo individualizável de enunciados, ora como prática regulamentada dando conta de certo número de enunciados (FOUCAULT, 1987, p. 90), é dessa forma que podemos dizer seu(s) discurso(s), já que em seus gestos desarmou os jogos de discurso.

3 *A ordem do discurso* é o título da célebre aula inaugural proferida por Michel Foucault no dia 2 de dezembro de 1970 quando tomava posse de uma cátedra no Collège de France, uma aula que se tornaria livro no ano seguinte, pela editora Gallimard na França. No Brasil, o livro foi publicado duas décadas mais tarde, em 1996, pelas Edições Loyola, tendo Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Nessa sua aula, o filósofo pôde mostrar ao público presente que, em uma sociedade como a nossa, o discurso tem em sua ordem três tipos de procedimentos de controle: externos (a interdição, a difusão e a oposição entre verdadeiro e falso); interno (o comentário, o autor e a organização das

apresenta seu projeto de pesquisa naquela célebre instituição que ele acabara de tomar posse para os próximos anos numa cátedra dedicada à História dos Sistemas de Pensamento. Em todos seus trabalhos, o discurso aparece como palavra de ordem. O seu interesse pelo discurso, visto como algo que não pode ser analisado fora do tempo que se desenvolveu, norteou todos os seus trabalhos, mostrando, com isso, seu comprometimento com uma epistemologia ligada a uma certa tradição francesa que pensa “que a filosofia possui uma dimensão histórica”. E esses gestos nada mais são do que as análises que promoveu antes e durante sua permanência no célebre *Collège de France*.

Ele tinha consciência de que praticava uma análise do discurso diferente daquela que, em *A verdade e as formas jurídicas*, ele vai dizer ser fruto de “uma tradição recente, mas já aceita nas universidades europeias, uma tendência a tratar o discurso como um conjunto de fatos linguísticos ligados entre si por regras sintáticas de construção” (FOUCAULT, 2005, p. 9). Talvez seja essa tradição de que fala Dominique Maingueneau, em *Novas tendências de análise do discurso*, logo na introdução (cf. MAINGUENEAU, 1995), quando busca fazer uma breve história do percurso dessa tradição. É nessa mesma obra que Maingueneau vai nos apresentar as contribuições de Jean-Jacques Courtine através da Revista *Langage*, edição de número 62, e da discussão sobre “qual o objeto para a análise do discurso” feita com Jean-Marie Marandin num colóquio realizado na Paris X sobre as materialidades discursivas no ano de 1980 (cf. COURTINE ; MARANDIN, 1981), o que, de certa forma, já apontava para uma renovação de interesse sobre a materialidade do discurso.

Vale a pena lembrar que Jean-Jacques Courtine é quem vai afirmar que a memória discursiva é que torna possível a constituição de qualquer formação discursiva e ela é que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma Formação Discursiva (FD), o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Lembremos também aqui que Courtine pertenceu ao grupo de pesquisa de Michel Pêcheux no CNRS. De acordo com Gregolin (2008), “J. J. Courtine tem papel central nesse desenvolvimento da noção de FD, na medida em que ele estimula a interlocução entre a obra de Pêcheux e as propostas de Foucault”, ou seja, é Courtine que vai colocar para Escola

disciplinas) e regularidades de acesso (o ritual, as sociedades de discurso, as doutrinas e a apropriação social).

Francesa de Análise do Discurso o conceito foucaultiano de formação discursiva que durante duas décadas figurou como ferramenta indispensável ao trabalho do analista do discurso, sobretudo, entre nós brasileiros (cf. GREGOLIN, 2008; MILANEZ, 2012). Mas como surge o trabalho da pesquisadora Alice Krieg-Planque, filiada ao *Centre d’Étude des Discours, Images, textes, Écrire, Communication* (CÉDITEC) na França? Como ela se insere nessa tradição recente de que fala Michel Foucault e Dominique Maingueneau?

1 As palavras e as fórmulas e a questão das imagens no discurso

Inscrita numa perspectiva pluridisciplinar, fortemente ancorada nas Ciências da linguagem, Alice Krieg-Planque tem desenvolvido suas análises, interessando-se, sobretudo, por discursos políticos, midiáticos e institucionais, mobilizando principalmente as noções de *fórmula* e *lugares discursivos*. Ainda em sua tese de doutoramento, defendida em 2000, ela começa a aprimorar a noção de fórmula, advinda do trabalho do filósofo Jean-Pierre Faye sobre a fórmula “Estado total” e sobre as pesquisas de Pierre Fiala e Marianne Ebel, em particular sobre as fórmulas “Überfremdung” (influência e superpopulação estrangeira) e “xenofobia”, que se inscrevem explicitamente na perspectiva de Faye, como nos lembra a própria Krieg-Planque em entrevista concedida a Philippe Schepens do *Laboratoire de Sémio-linguistique, didatique e informatique* (LASELDI), ligado à *Maison des Science de l’Homme* Claude-Nicolas Ledoux (cf. KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 13).

No percurso que trilhamos aqui não podemos nos esquecer de que a noção de fórmula, que Krieg-Planque vem desenvolvendo, é essencialmente uma noção discursiva, como ela própria enfatiza (cf. KRIEG-PLANQUE, 2010). Ao longo dessa discussão vamos perceber que seu trabalho não está dissociado da velha tradição francesa epistemológica, ou seja, as considerações apresentadas se inscrevem numa certa tradição acadêmica de fazer análise do discurso de que se referiu Foucault em *A verdade e as formas jurídicas*.

Em relação ao trabalho de Foucault, podemos dizer que todas essas pesquisas desenvolvidas recentemente têm, de certa forma, ligações com os deslocamentos e usos que o autor de *As palavras e as coisas* provocou no campo das Humanidades ao tratar o discurso como algo que não pode ser

analisado “fora do tempo em que se desenvolveu” (FOUCAULT, 1987, p. 226). É justamente em *As palavras e as coisas* que Foucault vai nos apresentar a questão da *representação* enquanto traço de uma época chamada por ele de clássica (séculos XVII e XVIII) em que existia a coerência entre teoria da representação e as da linguagem, das ordens naturais, da riqueza e do valor, e, ao mesmo tempo, apresenta-nos a mudança inteiramente de configuração que ocorre a partir do século XIX, quando “a teoria da representação desaparece como fundamento geral de todas as ordens possíveis; a linguagem, por sua vez, como quadro espontâneo e quadriculado primeiro das coisas, como suplemento indispensável entre a representação e os seres, desvanece” (FOUCAULT, 1981, p. XX).

É nessa nova ordem que o *homem* aparece “pela primeira vez como esta figura estranha do saber e que abriu um espaço próprio às ciências humanas” (*idem, ibidem*). É a partir daí que podemos pensar nos processos de subjetivação que tornam os seres humanos em sujeito, sobretudo, pela via do discurso quando “o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação”, e, “é igualmente colocado em relação de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995a). E isso tem implicações com os processos de identificação, uma vez que “a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo – daquilo que, para nossa cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades” (FOUCAULT, 1981, p. XXII). Mas o que isto tem a ver com a questão da fórmula discursiva proposta por Krieg-Planque? Mais adiante veremos como isso é mobilizado por Krieg-Planque, com mais detalhes.

2 O nascimento da fórmula

Inicialmente, é preciso compreender a noção de fórmula que Krieg-Planque desenvolve a partir de seu livro *Purification ethnique: une formule et son histoire* para refazermos seu percurso e percebermos como a autora foi aperfeiçoando essa ferramenta tão cara ao seu trabalho analítico, resultante das reflexões advindas de sua tese de doutoramento. Nessa obra, a autora explica que:

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, formalmente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada

em usos públicos que a investem de questões sociopolíticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece, então, um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas linguageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 14).

Poderíamos dizer que essa noção que a pesquisadora apresenta tem ligações com a discussão feita por Foucault acerca das práticas discursivas e da ideia de instituição⁴ pensada por ele à medida que se admite que a fórmula possa ser vista enquanto *referente social* (Cf. KRIEG-PLANQUE, 2010, p 53), e, neste caso, só poderá sê-lo na medida em que se instaura um processo de identificação, ligado a subjetivação de que fala Foucault, além da ordem do discurso que está sujeita às instituições. E tais processos não se dão, a não ser pela via das relações de poder, dos dispositivos usados para produzir sujeitos. Depois, o fato de a palavra estar ligada a uma historicidade, já que se admite que “o acesso de uma palavra à condição de fórmula é parte integrante da história dos usos dessa palavra” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 19), implica em admitir que isso se dá por meio de práticas discursivas que ganham corpo nas instituições e são difundidas aí mesmo (cf. FOUCAULT, 1997).

Portanto, a noção de fórmula concebida enquanto uma noção discursiva é, de certa forma, tributária da noção de discurso apresentada por Foucault em sua aula inaugura no *Collège de France*, em 2 de dezembro de 1970, quando enunciou que, em toda sociedade, a produção discursiva é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Daí, podemos pensar que a circulação de uma fórmula não se dá fora desse controle, que faz parte da ordem de qualquer discurso, uma vez que se admite que:

Ela [a fórmula] põe em jogo a existência de pessoas: ela põe em jogo modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

4 Para Foucault (1995b, p. 247), “todo social não discursivo é uma instituição”.

Contrariamente a Krieg-Planque, diríamos que a fórmula é posta no jogo do discurso, tornando-se parte dele na medida em que faz parte do discurso, já que é tida enquanto noção discursiva, logo está sob a ordem do discurso, o qual, como vimos, em Foucault, é produção de sociedades de discurso, e isso tem a ver com aquilo que dissemos inicialmente com Derrida (1995), quando afirmou que “tudo se torna discurso” nas discussões promovidas pelas Humanidades, ou seja, estamos lidando com sujeitos, não simplesmente com falantes, no sentido restrito da Linguística ou mesmo da Sociolinguística, ou ainda do dialogismo bakhtiniano de que a autora conhece por ter frequentado os cursos de Jacqueline Authier-Revuz.

Nesse gesto de infidelidade ou de crítica, diríamos também que uma fórmula é em si mesma um jogo dentro de outro jogo. Mas a noção de fórmula apresentada por Krieg-Planque é coerentemente compatível com a noção de referente social de Fiala e Ebel. É justamente aí que podemos ver uma aproximação com aquilo que Foucault chamou de discurso. É justamente nesta perspectiva que vamos nos voltar para entrevista que Krieg-Planque concedeu a Philippe Schepens para compreendermos melhor o debate sobre a questão da noção de fórmula e um possível diálogo com os estudos realizados por Michel Foucault, ou seja, vamos buscar discutir sobre as análises desenvolvidas por Krieg-Planque, seus métodos e posições teóricas através do seu percurso para tornar precisa algumas etapas desse trabalho inscrito na tradição francesa da análise do discurso ou das análises de discursos conforme advoga Maingueneau (cf. MAINGUENEAU, 1995), mas sob as lentes de Foucault.

Ao propor uma caracterização da noção de fórmula, Krieg-Planque diz que seu objetivo era precisá-la para analisar um conjunto de discurso que se refere principalmente às guerras iugoslavas dos anos de 1990. Para isso, a autora se valeu do trabalho de Jean-Pierre Faye para desenvolver uma ferramenta própria para sua análise. Dessa forma, Krieg-Planque reconhece que seu trabalho deve muito à obra heurística de Faye, mas que em dado momento precisou ser infiel ao trabalho do filósofo, que, para ela, “tem em mãos a pena do poeta que ele também é em alguns momentos”. O desenvolvimento dessa ferramenta acabou tornando possível compreender outras formulações possíveis como “direito de ingerências”, “mundialização”, “globalização”, “choque de civilização”, “exclusão”, “fratura social”, “desenvolvimento sustentável”, “comércio justo”, “governo responsável”,

“patriotismo econômico”, como podemos ver na explicação dada na entrevista que concedeu a Schepens do LASELDI (Cf. KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 13). Portanto, Krieg-Planque parte do termo fórmula pensado por Faye para caracterizar a noção que usará em suas análises, o que significa dizer que tal noção é cara às pesquisas por ela desenvolvidas, mas admite, contudo, que seu gesto acaba traindo a obra de Faye, pois precisava avançar em algumas questões que permaneciam paradas para dar conta de suas análises. Ela fala sobre a influência de Faye em sua pesquisa no capítulo *O trabalho heurístico de Jean-Pierre Faye: a fórmula “Estada total” no livro A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico* (Cf. KRIEG-PLANQUE, 2010).

Ao falar sobre seu percurso acerca da redefinição da noção de fórmula discursiva, Krieg-Planque também confessou que não se valeu apenas da crítica feita por Pierre Fiala e Marianne Ebel ao trabalho de Faye, mas também das análises realizadas pelos dois pesquisadores quando eles colocam em funcionamento a noção de fórmula centrada particularmente na análise feita em torno de textos legislativos, artigos publicados em jornais suíços francófonos, cartas de leitores, textos sindicais, entrevistas de autores referentes a três campanhas de votação na Suíça. Foram eles, segundo Krieg-Planque, que “introduziram na análise das fórmulas categorias úteis para a análise de discurso” (Cf. KRIEG-PLANQUE, 2011), ao buscar analisar as unidades lexicais “Überfremdung” e “xenofobia”. O trabalho desses autores é tão importante para Krieg-Planque que ela também dedicou um capítulo no livro *A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*, a exemplo que fez com Faye, intitulado *A análise de Marianne Ebel e Pierre Fiala*.

É nesse capítulo que a autora vai tratar da análise realizada por Fiala e Ebel, no momento em que eles vão afirmar que uma fórmula é um referente social na medida em que “Überfremdung” e “xenofobia” são *referentes sociais*, pois neles os pesquisadores encontraram manifestações na paráfrase e na circulação. Esta última está diretamente ligada à noção de referente social apresentada por Fiala e Ebel e usada nas análises desenvolvidas por Krieg-Planque. É justamente através dessa noção de *referente social* que Krieg-Planque vai estabelecer uma relação com espaços públicos (Cf. KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 53) aprimorando a noção de fórmula, ou seja, à medida que uma fórmula é tida como referente social, já que é partilhada por um grupo social ou grupos ao indicar algo, ela torna-se, ao mesmo tempo, um signo que

entrou num espaço público por meio da difusão que se dá nos processos de publicidade através da mídia, principalmente da imprensa, rádio, televisão etc.

Para desenvolver essa ideia de *espaço público*, Krieg-Planque também lançou mão dos trabalhos de Habermas e Ferry. Mas é preciso estar atento para o fato de que a mídia não é responsável pela criação e invenção das fórmulas discursivas, uma vez que, para Krieg-Planque, o papel da mídia é de atuar como “operadora da circulação”, o que não quer dizer que a mídia não seja capaz de realizar seleções e filtragem, transformando, com isso, os discursos, e não apenas os transmitindo passivamente sem sua intervenção (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 212). Aqui vale a pena ressaltar que uma fórmula não pode ser caracterizada apenas por sua unanimidade; muito pelo contrário, é pelo que ela representa (reapresenta), num dado momento, uma passagem obrigatória.

Quanto à manifestação de paráfrase de que falávamos anteriormente presente no trabalho de Fiala e Ebel (1983), ela se manifesta principalmente durante as campanhas do referendo que pediam aos cidadãos suíços que escolhessem entre o sim e o não pela proposta da limitação da imigração, quando aí se observou que duas fórmulas se condensaram numa massa discursiva, ou seja, “Überfremdung” e “xenofobia”,

[...] estes dois termos se condensaram numa massa considerável de discursos na qual eles serviam de equivalentes semânticos. Enunciar um ou outro era pôr em circulação significações múltiplas, contraditórias, referindo-se à existência de séries de enunciados parafrásticos, bem comprovados, dos quais os dois termos se encontram definidos (FIALA; EBEL, 1983, p. 173 [tradução minha]).⁵

Como exemplo disso, tomemos dois enunciados parafrásticos apresentados por Fiala e Ebel (1983): “Os estrangeiros são uma carga pesada para nossas instituições sociais” e “Eles nos tomam nossas moradias”. Dessa forma, podemos pensar a partir do exemplo dado por Fiala e Ebel na questão da circulação das fórmulas, ou seja, se elas circulam é porque as pessoas as

5 Tradução a partir do original : ces deux termes ont, durant cette période, condensé en eux une masse considérable de discours, auxquels ils servaient d'équivalents sémantiques. Enoncer l'un ou l'autre, c'était mettre en circulation des signi-fications multiples, contradictoires, renvoyant à l'existence de séries d'énoncés paraphrastiques bien attestés, par lesquels les deux termes se trouvaient définis (FIALA ; EBEL, 1983, p. 173). Optamos aqui pela entrevista no original em língua francesa e pelo texto de Fiala e Ebel, porque na tradução brasileira a página citada não confere com o original e ainda é apresentada como comentário do entrevistador com as iniciais de seu nome e sobrenome (PS), quando, na verdade, trata da continuação da discussão que Krieg-Planque faz acerca da questão feita por Philippe Schepens (cf. SCHEPENS, 2011, p. 15-16; KRIEG-PLANQUE, 2006, p. 23-24).

usam ao falar delas, logo os lugares de surgimento se diversificam, e este fato é que tornam as fórmulas um objeto partilhado do debate (cf. KRIEG-PLANQUE, 2006 p. 24).

No trabalho de Fiala e Ebel, o fenômeno da *produtividade lexicológica* que resulta de neologismos também chamou a atenção de Krieg-Planque juntamente com aquele da paráfrase que acabamos de ver nos exemplos anteriores. Ela lançou mão desse fenômeno para tratar da fórmula “purificação étnica” em sua análise, mostrando como os neologismos atestam a proliferação das fórmulas, sejam eles criações voluntárias ou não, já que também podem ocorrer neologismos por lapso. Para entendermos como este fenômeno ocorre, tomemos a palavra “xenófobo” [xénophobo]. Ela vai dar lugar a uma série de neologismo por derivação como “xénophomatique” [“xenofomático”] ou “anti-xénophobe” [“antixenófobo”] que mostram justamente uma produtividade lexicológica. Neste movimento, a *circulação* acaba entrando em cena para desbancar a noção de *produção*, uma vez que:

P. Fiala e M. Ebel sustentam uma concepção contextual do sentido, e insistem nisso: se há de fato um significante comum em circulação (a coroa da “moeda”, para retomar a metáfora de Courtine), o significado (no caso, a cara) está em perpétua redefinição, em razão mesmo de sua circulação. Nem todos inscrevem a mesma coisa no lado cara da fórmula, e é exatamente por essa razão que esta é questão central nos debates (KRIEG-PLANQUE, 2006, p. 56).

Isto mostra como “fórmulas circulam e se impõem a todos com um sentido, ou, antes, com sentidos que são determinados por outros, eles invalidam a ideia de que discursos são fechados sobre si mesmos” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 17). Como podemos ver, o trabalho de Fiala e Ebel tem uma repercussão muito grande nos gestos de aprimoramento da noção de fórmula discursiva realizados por Krieg-Planque. Aqui nos propomos apenas a resumir esse percurso para dar um pouco da dimensão de como as análises desenvolvidas por eles foram importantes no percurso de Krieg-Planque. Por conta do espaço, falamos de uns elementos que nos pareceram importantes, outros ficaram para trás, como é o caso da dupla “de re”/ “de dicto” que desapareceram em favor de categorias inspiradas naquelas que Jaqueline Authier-Revuz propõe para pôr à luz as representações da heterogeneidade enunciativa (cf. KRIEG-PLANQUE, 2006, 2011).

3 Mobilização da fórmula discursiva na análise

Tomada como noção discursiva, a noção de fórmula apresentada por Krieg-Planque (2006, 2010), como vimos até aqui, é vista como *referente social*, portanto, trata-se uma noção que toma o discurso como objeto de pesquisa, objeto tecido com “fios ideológicos”, cabendo ao analista do discurso encontrar as pontas destes fios, assim “é exatamente o real que se encontra no fim do percurso, já que os discursos são uma matéria constitutiva do real” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 26). Dessa forma, ressalta a autora que temos “a possibilidade de um processo de conhecimento que se opera pelo estabelecimento e a ordenação de fatos do discurso. Trata-se de uma das formas que a análise do discurso pode assumir” (*idem, ibidem*). E neste caso, não podemos esquecer de que uma fórmula não é essencialmente linguística, mas apenas possui uma forma linguística habitada pela polissemia, em termos bakhtinianos.

Mas como operacionalizar isto através da noção de fórmula? Como mobilizar tal noção? Antes de responder estas questões, é preciso pensar na fórmula como um conjunto de variantes, um bom exemplo é o caso da fórmula “purificação étnica”. Ela reúne um conjunto de variantes como “limpeza étnica”, “depuração étnica”, “eticamente puro”, “eticamente puras”, “pureza étnica”, “impurezas étnicas”, “depuraram etnicamente”, “teriam etnicamente purificado” etc. Aí temos, de acordo com Krieg-Planque (2006, 2010, 2011), variantes que associam um elemento do campo derivacional dos radicais “pur-” e “limp-” ou “depur-” e um derivado de “ethnic-”. Com estes exemplos, surge mais uma questão: como escolher e identificar uma fórmula? Primeiramente, podemos pensar com Krieg-Planque que “o acesso de uma palavra à condição de fórmula é parte integrante da história dos usos dessa palavra” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 19). E neste caso é preciso pensar na questão da noção de cristalização que a autora desenvolver como condição para que se identifique uma unidade ou sequência verbal como fórmula. Nesta perspectiva, a noção de cristalização será crucial porque vai figurar como primeiro passo para que se tome uma palavra ou expressão na qualidade de uma fórmula. Mas antes é preciso estar com os ouvidos plugados nas fontes de informações e os olhos pregados nos jornais para que se tenha um *corpus* saturado de enunciados atestado (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 89). Para daí então realizar a coleta de candidata a fórmula. A fase seguinte seria aquela advinda da questão da demarcação e contagem das ocorrências

que para a autora é fascinante porque essa questão retoma a questão do papel da interpretação na construção do *corpus*. “Ela mostra que, desde o início do trabalho, precisam entrar em ação a interpretação e a inteligência humana para tratar dos dados” (cf. KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 27). Nesta perspectiva, podemos pensar que:

[...] um cientista – acho que vale para todas as ciências humanas e sociais, e possivelmente para as outras ciências – tem uma espécie de sensibilidade anormalmente atenta a seu objeto. Ele percebe ruídos escondidos, vibrações, finas estrias e pequenos instrumentos que outros não veem.. (...) todos que trabalham com a língua ou com o discurso são levados a fazer o esforço de considerar a si próprios como interpretantes razoáveis, a fazer de conta que não veem o fato o fato veem (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 30).

Nessa mobilização da fórmula, ou seja, do seu emprego, vista como trabalho de pesquisa de quem faz ciência, surge outra noção, a de “interpretante razoável”, para lidar com a questão “da identificação de um objeto discursivo e precisamente a da identificação da presença de uma fórmula através das ocorrências de unidades lexicais” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 29). Aqui vemos uma rigurosidade teórica no trabalho desenvolvido pela autora, a exemplo daquele que Foucault expõe em *Arqueologia do Saber*. E em todos esses movimentos que a autora faz, lembra-nos dos gestos da arqueologia foucaultiana e até mesmo da genealogia desenvolvidas pelo filósofo arquivista. Ou seria uma prática da intelectualidade francesa? De certa forma, sim, sobretudo no que diz respeito a uma busca constante pelo aprimoramento das noções a partir de debates e de uma prática que vai desenhando à medida que os procedimentos vão surgindo a cada nova análise, a cada novo *corpus*. Como nesses gestos, diria Foucault:

[...] a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar as perturbações da continuidade, enquanto que a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos (FOUCAULT, 1987, p. 6)

Nessa perspectiva, o debate histórico que se estabelece, na discussão, traz consigo esse movimento em gestos para repensarmos a própria história a partir do discurso em suas diversas materialidade como as midiáticas que marcam a nossa época, ou seja, “a vida política e os funcionamentos midiáticos” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 22). Daí, podemos falar nesse trabalho de mobilização da noção de fórmula discursiva dos *lugares discursivos*

tomados na análise enquanto “materialidades nas quais os comentadores se apoiam para atribuir posições, a si mesmo e aos outros, os lugares pelos quais os locutores circulam, imprimindo sua marca de passagem”. Dessa forma, caberá “ao pesquisador assinalar esse colorido no terreno do corpus, e, antes de mais nada, avaliar se ele lhe resta interessante” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 23), ou seja, “trata-se de fazer a escolha de um modo de selecionar corpora pelas materialidades que os comentadores tomam emprestado para pôr em ordem discursivamente sua visão de mundo” (*idem, ibidem*). Com isso, podemos dizer que as questões da mobilização das fórmulas são variadas, já que são variados os modos como os comentadores se posicionam no discurso. Parece-nos que isso tem a ver com aquilo que Foucault discute a respeito da formação dos objetos quando afirma que “alguns [elementos] constituem regras de construção formal, outros, hábitos retóricos (...), alguns são característicos de uma época, outros têm uma origem longínqua e um alcance cronológico muito grande” (FOUCAULT, 1987, p. 66). Neste caso, parece-nos que Krieg-Planque (2011, p. 17) tentou mostrar na análise da fórmula “purificação étnica” o excelente fundamento de uma tal descompactação das formações discursivas. Do ponto de vista formal, os lugares discursivos “podem ser textos (ou, mais frequentemente, o que há neles, como o título, por exemplo), unidades lexicais simples ou complexas”. Já no plano de suas funções discursivas, “os lugares discursivos podem fazer o papel de textos-chave, de provas autenticadoras, de índices de historicidade, de slogans, de palavras de ordem, de designantes ou ainda, de fórmulas” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 22). Dessa forma, podemos perceber nessa noção de *lugares discursivos* um elemento de articulação entre as noções que Krieg-Planque mobiliza em suas análises, ou seja, “a pesquisa sobre os lugares discursivos não é dissociável de outros aspectos do trabalho” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 23).

Considerações finais

No percurso que fizemos nesse artigo, buscamos mostrar os encontros e desencontros entre o trabalho de Krieg-Planque e o de Michel Foucault, ora por meio da noção de discurso, ora pela tradição de uma certa epistemologia francesa da qual os dois são tributários. Claro que nosso gesto foi movido pelo desejo de visitar a obra de Foucault, fazendo uma leitura sobre a proposição da noção de fórmula nos estudos e nas práticas de uma certa Escola Francesa de Análise do Discurso. E nessa tradição, não há dúvida de que haja uma

ligação, “no que se refere ao quadro teórico global” do *savoir-faire* da epistemologia que se pratica na França, da qual fazem parte Jean-Jacques Courtine, Dominique Maingueneau, Michel Pêcheux, nomes que estão no traçado da história dessa Escola Francesa de Análise do Discurso.

Como vimos Krieg-Planque não só retomou os estudos sobre a noção de fórmula no quadro teórico que alicerça a Escola Francesa de Análise do Discurso, trançando uma história desta noção, mas realiza uma série de movimentos para precisar tal constructo, desde Faye até Fiala e Ebel. Nesse seu gesto, a autora provocou, além de alguns deslocamentos, o interesse em áreas tão diversas como Ciências da Linguagem, História, Sociologia, Ciências da Informação e da Comunicação, Ciências Políticas. Em suma, nessa discussão, vimos que toda fórmula discursiva traz consigo uma densidade histórica que materializada em sua circulação, apoiada em pré-construídos e voltada a novas construções no trabalho de Krieg-Planque que tem sido muito bem acolhido entre nós brasileiros com a publicação de seus livros e alguns artigos aqui no Brasil. Um trabalho que revigora a cada dia a Escola Francesa de Análise do Discurso tanto aqui quanto na França.

REFERÊNCIAS

CAMBON, E.; LEGLISE, I. Pratiques langagières et registres discursifs : Interrogation de deux cadres en sociologie du langage. **Langage et Société**, Paris, n. 124, p. 15-38, 2008. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/29/22/61/PDF/2008-cambon-leglise.pdf>>. Acesso em março de 2013.

COURTINE, J-J. Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, n. 62, juin, 1981.

_____; MARANDIN, J-M. Quel objet pour l'analyse de discours? In: **Matérialités Discursives**. Actes du Colloque, avril, 1980. Paris X – Nanterre, Lille. Presses universitaires de Lille, 1981.

_____. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez; revisão Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2006.

ARAÚJO, Alex Pereira de. A “noção de fórmula” de Krieg-Planque sob a ordem do discurso de Foucault. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 5-21, dez.2013.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 11-19.

DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FIALA, P.; EBEL, M. **Langages xénophobes et consensus national en Suisse (1960-1980): discours institutionnels et langage quotidien; la médiatisation des conflits**. Université de Neuchâtel, Faculté des lettres, 1983.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. e Org. Renato Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995b.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. Olhares oblíquos sobre o sentido do discurso. In: _____. **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3.ed. São Carlos: Claraluz, 2007a.

_____. A análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007b. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>>. Acesso em: mar. 2013.

_____. Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e produção de identidades. **Web-Revista Discursividade Estudos Linguísticos**, Nova Andradina, v. 2, p. 1-18, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

_____. Formação discursiva, mídia e identidades. In: LEANDRO FERREIRA, M.C.; INDURSKY, F. (Org.). **A Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007c. v. 1. p. 173-186.

_____. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; CURSINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. v. 1. p. 83-106.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KRIEG-PLANQUE, A. **Purification ethique: une formule et son histoire**. Paris: CNRS Editions, 2003.

_____. **“Formules” et “lieux discursifs”**: propositions pour l’analyse du discours politique. Entretien avec Alice Krieg-Planque, par Philippe Schepens. Disponível em: <http://alufc.univ-fcomte.fr/pdfs/791/pdf_3.pdf>. Acesso em: mar. 2013.

_____. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **“Fórmulas” e “lugares discursivos”**: propostas para a análise do discurso político. Entrevista com Alice Krieg-Planque por Philippe Schepens. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.) **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni de Lourdes P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MILANEZ, N. Vídeo de divulgação do grupo e dos trabalhos de pesquisa produzidos pelo Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo - Labedisco. Exibido no **III CIAD - Colóquio Internacional de Análise do Discurso**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=G6gizd73oTs>>. Acesso em: mar. 2013.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.